

AURORA CAMPINEIRA.

ASSIGNATURAS	Publica-se uma vez na semana, colorre-se no Tip. Campineira, Rua do Pórtico n. 17	ASSIGNATURAS
Campinas.	As assignaturas terão pagas adiantadas. receberão correção idêntica em termos contados, e com a competente responsabi- lidade e reconhecimento do tabelião, porque por seu conteúdo não responde a redação, nem os editores; nas notícias e comu- nicacões, é essencial a assignatura do informante, su por conhecimento da redação.	Para fora.
Por anno... 10.7.000	Folha avulsa 240.	Por anno... 12.2.000
Por semestre 6.7.000		Por semestre 7.2.000

ANNO II. CAMPINAS - SABBADO 13 DE AGOSTO DE 1858. N. 13

Memória *Cabeçalho do 1º jornal de Campinas, Aurora Campineira*

A atribulada História do primeiro jornal de Campinas

O jornalista brigão

"Ilmos. Srs. Em virtude do artigo 303 do Código Criminal, declaramos a vossas senhorias que estabelecemos nesta cidade, à rua do Pórtico, nº 17, a nossa oficina tipográfica, onde no dia 4 do corrente, demos à luz um periódico sob o título 'Aurora Campineira', o que levamos ao conhecimento de vossas senhorias em cumprimento do mesmo artigo. Deus guarde a vossas senhorias.

Campinas, 10 de abril de 1858. (aa) Silva & Irmão". Assim os irmãos João e Francisco Teodoro de Siqueira e Silva anunciavam, há exatamente 128 anos, aquele que foi o primeiro jornal de Campinas, o "Aurora Campineira". No texto acima, onde está escrito rua do Pórtico, entenda-se rua Ferreira Penteado. O "Aurora" nasceu ali, próximo à rua da Bica Grande, hoje rua Irmã Serafina. Outros tempos. Tanto que a primeira tiragem do jornal foi de 120 exemplares. Não é pra menos, a cidade, na época com 9.000 habitantes, não possuía ainda estrada de ferro nem telégrafo.

Tudo isso está registrado no livro do pesquisador Júlio Mariano, "História da Imprensa em Campinas", editado em 1972 pela Associação Campineira de Imprensa. Grande parte das pesquisas de Mariano, por sinal, veio da "Revista do Centro", número 45, de 1916, que também tratava do assunto. Esta revista era uma publicação do Centro de Ciências Letras e Artes, em cuja biblioteca se encontram coleções de antigos jornais de Campinas, a partir de 1869, com a "Gazeta de Campinas". Além do CCLA, a Unicamp conta também com um importante material sobre a Imprensa de Campinas, no acervo de Edgar Leuroith, um colecionador de publicações da cidade.

"Aurora Campineira"

A história deste primeiro jornal de Campinas começa com Hércules Florence, tido no Brasil como o inventor da fotografia. Certo dia, no final do século passado, ele fez xixi numa placa de vidro e descobriu o fixador da fotografia. A amônia era o segredo. Mas isso é uma outra história.

Florence entra na história da Imprensa em Campinas indiretamente. Em 1832, quando Campinas era ainda a Vila São Carlos, ele montou a primeira tipografia local. Ele só não se meteu a jornalista por falta de "bossa", segundo expressão do historiador Alberto Faria. Hércules Florence deixou a facanha para os irmãos Silva, que adquiriram sua tipografia 26 anos depois, em 1958. Na tipografia seria rodado o primeiro jornal da cidade.

A carta do início desta matéria é datada de 10 de abril daquele ano. Mas o "Aurora Campineira" saiu pela primeira vez no dia 4 anterior, um domingo. Os 120 exemplares do jornal saíram em quatro páginas, medindo 30 por 20 centímetros, em duas colunas, corpo 8. A polêmica publicação semanal não completaria dois anos de vida.

Os irmãos João e Francisco Teodoro de Siqueira e Silva entraram com tudo na empreitada. Eram proprietários, diretores, os únicos redatores, impressores e distribuidores do "Aurora Campineira". Francisco era o "foca" do jornal. Com João estava o talento, a coragem e a ousadia, que lhe valeram no pouco tempo de duração do jornal, nada menos que 15 processos por supostos delitos de Imprensa.

Certa vez, por uma crítica à Justiça Penal pela prisão injusta de dois criminosos, viu seu "Aurora Campineira" ser taxado de "papelucho infame", além de mais uma vez ser chamado a juízo por crime de calúnia. O Juiz da Comarca queria o pescoço de João a qualquer preço. Não é à toa que no dia 10 de janeiro de 1860 o periódico de Silva & Irmão se transformou no órgão oficial do Partido Conservador. Nascia o segundo jornal de Campinas, "O Conservador".

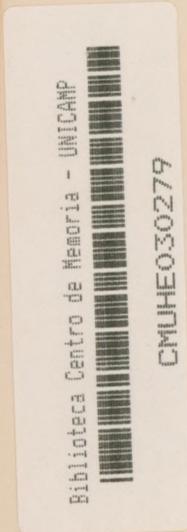
Com o novo jornal, como não poderia deixar de ser, João caiu fora da redação. Deveria cuidar então só da parte comercial. Nem assim conseguiu escapar da Justiça da Comarca. De um quiprocó entre o redator-chefe do "O Conservador", Francisco Antonio de Araujo, com um outro cidadão, que terminou com o primeiro soldando um boletim anônimo insultuoso, João Teodoro foi parar na Justiça na qualidade de editor.

Cadeia

O juiz Tito Augusto Pereira de Matos conseguiu finalmente pegar o jornalista. Isso apesar de ter como advogado "o velho Bernardino de Campos, progenitor do futuro estadista de igual nome", segundo descrição de Julio Mariano. João Teodoro foi condenado a sete meses de prisão. Mas João sumiu do mapa. Foi esconder-se na fazenda de um amigo, esperando a revisão do processo.

O processo foi arquivado logo depois. Mas "O Conservador", depois de dez meses de inauguração, desapareceu. João Teodoro se tornou um pacato homem de negócios, lecionando gramática para alunos particulares nas horas vagas. E a oficina gráfica da esquina da rua Bica Grande continuou servindo de escola. Ali, certa vez, apareceu um jovem boêmio, tocador de violão, conhecido como Chico Glicério.

Da convivência com João Teodoro, Glicério tomou gosto pela profissão. O próximo jornal de Campinas surgiria quase 10 anos depois, o "Gazeta de Campinas". E Francisco Glicério, seguindo os passos do mestre, tornou-se um dos jornalistas mais combativos da "Gazeta", entrando com tudo na atividade política republicana. O ex-juiz da Comarca não deve ter acreditado. Mas isso fica para a segunda parte desta matéria, que sairá no "Programe-se" da sexta-feira que vem.





Francisco Teodoro



João Teodoro